

NEGOCIATA DA REELEIÇÃO

Presidente é hostilizado por onde passa em Belo Horizonte e não escapa de protesto nem em hospital

FH é vaiado até por doentes

TEODOMIRO BRAGA E LUCIANA JULIANO

BELO HORIZONTE — Hostilizado em todos os locais públicos em que esteve ontem na capital mineira, o presidente Fernando Henrique passou pelo constrangimento de ser vaiado por pacientes do Hospital Sarah Kubitschek, ao descer a placa de reinauguração do prédio. "Fora, fora, fora", gritaram alguns doentes, em meio ao coro de vaias iniciado pela maioria dos 80 pacientes. Minutos depois, dezenas de pessoas encapuzadas enfrentaram a polícia com paus e pedras e foram rechaçados por bombas de gás lacrimogêneo. O confronto ocorreu nas proximidades do Minascentro, onde Fernando Henrique abriu a principal reunião do III Encontro das Américas.

O Hotel Othon Palace, primeira parada do presidente após desembarcar, no início da tarde, no Aeroporto da Pampulha, foi cercado por cerca de 400 pessoas, que obrigaram 80 policiais a formar, com ajuda de cães, um cordão de isolamento em volta do local. "Ladrão, ladrão", gritou a multidão, que misturava militantes e transeuntes, quando o presidente deixou o hotel pela garagem. Manifestantes mais ouvidos romperam o cordão e xingaram de perto integrantes da comitiva presidencial, entre os quais o ministro de Assuntos Estratégicos, Ronaldo Sardeberg.

Cerco — No Minascentro, a tropa de choque da Polícia Militar impediram tumultos mais graves, ao cercar os quarteirões em volta do prédio. Mais de 400 PMs, muitos montados em cavalos, contiveram as centenas de manifestantes — 1.500 segundo cálculos da polícia, 3.000, de acordo com os organizadores do protesto. O aparato policial também incluiu um brucutu, veículo que lança jatos de água. Antes da briga com a polícia, os manifestantes queimaram duas bandeiras dos Estados Unidos.

Segundo informação da PM, cinco oficiais foram feridos por pedradas nos distúrbios. A confusão só acabou quando dirigentes da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) subiram no carro de som e pediram calma à multidão. O presidente Fernando Henrique entrou no prédio pela porta dos fundos e não viu o tumulto. A manifestação foi promovida pelos organizadores do Fórum Paralelo Nossa América, evento que reuniu sindicalistas e representantes de organizações não-governamentais (ONGs) e foi financiado, em parte, pelo governo federal.

Surpresa — As vaias acompanharam o presidente até mesmo em sua chegada ao Hospital Sarah Kubitschek.

Carregando uma bandeira da CUT, dezenas de estudantes do Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) se juntaram diante do hospital, na Avenida Amazonas, para xingar o presidente. As vaias dentro do hospital surpreenderam o presidente. Quando começou o "uhuhuhuh" dos pacientes, Fernando Henrique ficou claramente desconcertado e puxou as pressas o pano que cobria a placa. Palmas puxadas por alguns pacientes foram abafadas pelas vaias.

Ao chegar no hospital, o presidente demonstrava satisfação pelo encontro que tivera minutos antes no Palácio da Liberdade com o presidente da CUT, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, Carlos Calazans, diretor da CUT mineira, e o presidente da Organização Interamericana dos Trabalhadores, Luis Anderson. A reunião foi promovida pelo governador Eduardo Azeredo e a conversa girou em torno da formação da Área de Livre Comércio das Américas. Fernando Henrique lembrou seu esforço para oficialização do Fórum Sindical dos Trabalhadores no Encontro das Américas e disse que "outros países é que não quiseram" aprovar a proposta.